

Setor sucroalcooleiro

Capital estrangeiro cada vez mais Forte

Guilherme Nastari*

QUANDO A economia mundial começou a dar sinais de recuperação, após o arrefecimento da crise financeira internacional, o setor sucroalcooleiro brasileiro voltou a ser a menina dos olhos de muitos investidores, mas desta vez o capital estrangeiro passou a ter um peso maior.

A expansão do setor sucroalcooleiro no Brasil está sendo impulsionada pelo aumento expressivo do consumo interno de etanol, gerado pelo crescimento da frota *flex* e pela expectativa de desenvolvimento do mercado internacional de etanol. Produtores brasileiros estão realizando um enorme esforço para elevar a oferta e atender a este mercado. A taxa média de crescimento da oferta de ATR no Brasil, observada no período de 2000 a 2009, foi de 9,4% ao ano.

Com moagens quinzenais, na safra 2009/10, entre 30,21 e 40,15 milhões de toneladas de cana, e médias diárias entre 2,1 e 2,6 milhões, a cada dois dias o Brasil mói o equivalente a toda a produção da República Dominicana, o segundo maior produtor da América Central e do Caribe. Vale lembrar que os produtores brasileiros utilizam apenas 2% de toda a área agricultável disponível no Brasil.

A consolidação do etanol de cana-de-açúcar como o melhor oxigenante para a gasolina e como o combustível que emite a menor quantidade de gases de efeito estufa (GEEs) relativamente a outros combustíveis, fez com que esse desenvolvimento ocorresse mais rapidamente. Recentemente, a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA) confirmou o etanol produzido a partir de cana como combustível renovável "avanzado". Segundo os critérios da EPA, para

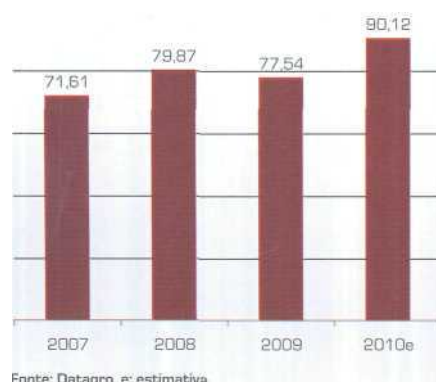
que haja o reconhecimento é necessário que as emissões de GEEs sejam 50% inferiores às emissões da gasolina, e conforme o EPA, a redução nas emissões pelo etanol da cana ultrapassa 61%.

A expansão da produção em ritmo ainda mais acelerado a partir de 2006, aliada à crise de preços de 2007, e à crise de liquidez de 2008, criou o caldo de cultura favorável à consolidação do setor. A Datagro observou três ondas de consolidação que se iniciaram em períodos distintos, mas passaram a coexistir a partir de um determinado momento.

A primeira onda, com início no final de 2006, foi a das aquisições e fusões entre grupos tradicionais do setor sucroalcooleiro. A onda foi iniciada pela aquisição da Vale do Rosário pela Santa Elisa, passando pela da Nova América pela Cosan, e reacendeu-se com a recente negociação da Equipav com a Renuka Sugars.

A segunda onda foi observada com as *tradings companies* investindo em grupos que sofreram com a crise de liquidez de 2008. A oportunidade, para muitas, foi

Brasil: oferta total de sacarose (milhão de t)



fundamental para o seu estabelecimento nesse mercado. Nessa fase foi verificada a mudança de estratégia de algumas empresas, redirecionando capital para a produção de açúcar e etanol em detrimento de outras operações consideradas tradicionais.

E a terceira onda, já iniciada, é a das empresas de energia investindo em unidades produtoras de etanol e energia elétrica. Certamente, esse movimento vai alterar fortemente a atual estrutura da indústria. Apesar da British Petroleum (BP) ter iniciado a tendência, o movimento se acentuou com a associação entre a Shell e a Cosan. A transação estimada em US\$ 12 bilhões tem como objetivo unificar as operações no Brasil de etanol, açúcar, energia, e otimizar a distribuição e comercialização de combustíveis. A associação é um importante marco para o setor sucroalcooleiro, já que os *players* transitarão nos principais elos da cadeia produtiva.

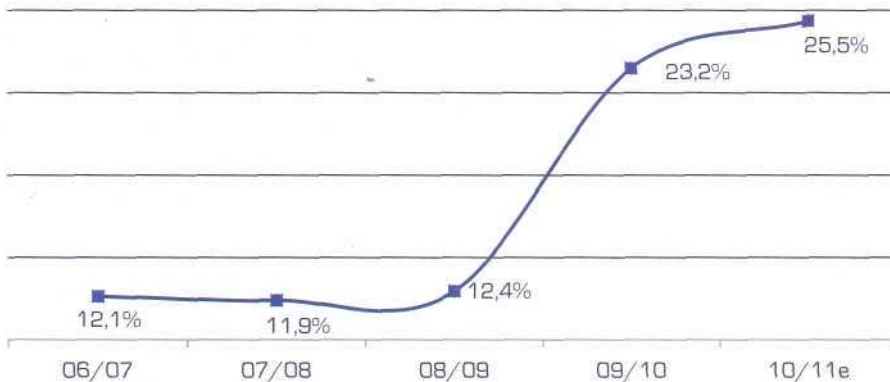
Movimentos estão sendo observados atualmente em diferentes intensidades, mas com características bem definidas. Acreditamos ainda que existam muitas oportunidades de investimentos.

Também estamos observando investimentos de participantes que não tinham histórico, ou interesse, no setor sucroalcooleiro, mudando assim a escala e o posicionamento financeiro do mercado de açúcar e álcool. Fundos soberanos ainda não começaram a investir em energias renováveis, mas estão rondando países como o Brasil, para diversificar seus investimentos ligados a combustíveis líquidos.

O reflexo desse movimento é um aumento expressivo da participação do capital estrangeiro na moagem de cana brasileira. Após a aquisição do controle da Equipav S/A pela Shree Renuka Sugars Limited, em 2010/11 25,5% da moagem passa a ser controlada por capital estrangeiro, ante 11,9% na safra 2007/08, estimados pela Datagro.

O setor tem se mostrado interessante para o mundo, trazendo importantes grupos de várias áreas da economia para se instalarem no Brasil e firmarem parcerias com tradicionais produtores domésticos.

Brasil: participação do capital estrangeiro na moagem da cana



Fonte: Datagro. e: estimativa

Esse movimento evidencia o aumento do interesse pelo setor sucroalcooleiro brasileiro, por parte de outros produtores de combustíveis líquidos.

A entrada de capital estrangeiro é vis-

ta com otimismo, pois deverá gerar um suporte adicional ao etanol e ao açúcar brasileiros no mercado mundial. Assim, a trajetória de disseminação do etanol no mundo poderá ser facilitada. Dessa for-

ma, o Brasil poderá deixar de ser o produtor mais eficiente de um produto até então consumido por poucos para ser o mais eficiente na produção de um produto que será consumido por parte significativa da população mundial.

Claramente, a entrada do capital estrangeiro e a profissionalização do setor estão relacionadas à necessidade do aumento da sua eficiência a caminho da otimização dos processos de produção.

As restrições não serão mais de capital e sim de licenciamento e certificação ambiental e social. Licenças de instalação e operação passarão a ser mais respeitadas no futuro próximo. Mercados internacionais serão acessados apenas pelas empresas preparadas e organizadas socioambientalmente. •

* Economista da Datagro

ANUNCIO